



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 3 – Mediação, Circulação e Apropriação da Informação

Comunicação Oral

**ETNOBIBLIOGRAFIA: ENTRE AS HIPÓTESES MALLARMAICO-
BLANCHOTIANA E MELOT-TAFFINIANA¹**

***ETHNOBIBLIOGRAPHY: BETWEEN MALLARMÉ-BLANCHOTIAN AND
MELOT-TAFFINIAN ASSUMPTIONS***

Gustavo Silva Saldanha, IBICT - UNIRIO
saldanhaquim@gmail.com

Alberto Calil Júnior, UNIRIO
caliljr@gmail.com

Resumo: O presente estudo é resultado uma pesquisa teórica e aplicada sobre as margens de elaboração conceitual e de intervenção na realidade social do que tratamos como etnobiografia, ou descrição da cultura bibliográfica, tendo como aporte teórico central a abordagem discursivo-textual de Michel Melot e discursivo-imagética de Nicola Taffin, conjugada com o pensamento de Stéphane Mallarmé e de Maurice Blanchot. De um lado, reconhecemos o projeto mallarmaico intitulado “Livro”, analisado por Blanchot; de outro, encontramos o projeto “Livro,”, construído por Melot, acompanhado pelas fotografias de Taffin. Entre as argumentações e os pressupostos de cada autor, identificamos duas “hipóteses ocultas” orientadas para o agir simbólico de uma cultura bibliográfica não apenas matriarca e-ou primogênita do Ocidente na Modernidade, mas fundada em uma longa tradição pré-Moderna do Velho e do Novo Mundo, como também das civilizações orientais. O trabalho trata, pois, de uma reflexão a partir de três dimensões sobrepostas, a saber: discussão teórica; abordagens metodológicas; experimentações de campo. Orientados por uma epistemologia histórica do pensamento informacional e pelos pressupostos da filosofia da linguagem, os argumentos para a construção deste trabalho estão imbricados nos seguintes pressupostos: a) bibliografia enquanto

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

bibliografia (epistemologia histórica); b) a condição conceitual do campo hoje tratado como informacional (geoconceitualidade segundo a filosofia da linguagem ordinária); c) as linhagens metodológicas etnográficas como outro processo histórico dos estudos informacionais (etnobilografia).

Palavras-chave: Bibliografia. Epistemologia da Ciência da Informação. Metodologia. Livro. Etnobilografia.

Abstract: The study is a theoretical and applied research on the conceptual elaboration and intervention in the social reality of what we treat as ethnobilography, or description of bibliographic culture, with the central theoretical approach of Michel Melot and discursive imagery of Nicola Taffin, coupled with the thought of Stephane Mallarme and Maurice Blanchot. On the one hand, we recognize the Mallarmenian project entitled "Book", analyzed by Blanchot; on the other, we find the "Book" project, built by Melot, accompanied by photographs of Taffin. Among the arguments and assumptions of each author, identified two "hidden assumptions" targeting the symbolic act of a bibliographic culture not only matriarch of the West in modernity, but founded on a long pre-modern tradition of the Old and New World, as well as the Eastern civilizations. The work it is therefore a reflection from three overlapping dimensions: theoretical discussion; methodological approaches; applied researchs. Guided by a historical epistemology of the informational thought and by the assumptions of philosophy of language, the arguments for the construction of this work are intertwined on the following assumptions: a) "Bibliography" as "Bibliography" (historical epistemology); b) the conceptual condition of the field today treated as informacional (geoconceptualization according to the ordinary language philosophy); c) ethnographic methodological lines as other historical process of informational studies (Ethnobilography).

Keywords: Bibliography. Epistemology of Information Science. Methodology. Book. Ethnobilography.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Há muitas gerações os intelectuais nascem nos livros, e a este respeito têm dificuldades de dar um passo atrás. (MELOT, 2012)

A cadeia de acontecimentos contemporâneos nas tecnologias da linguagem listadas por Melot (2012, p. 24) sugere um conjunto etnopercurso para um decurso cultural-historiográfico: "Em 1945, o primeiro computador foi posto em funcionamento e pesava cinco toneladas; em 1961, começaram a ser utilizados os circuitos integrados; em 1963, o *mouse* foi inventado e, em 1976, o computador pessoal (PC)". Este desdobramento, indica Melot (2012), fez nascer um vasto interesse sobre a forma do livro na contemporaneidade – em outros termos, a concorrência da tela e de outros dispositivos de fixação e de apresentação da matéria verbal e a-verbal trouxe um "desejo" ainda maior pelo "livro", seja como conceito, forma, conteúdo, gesto ou processo. Nas palavras melotianas, "Enquanto o reino do papel não tinha concorrentes, era difícil *ver* o objeto sob o conceito".

As ocorrências sócio técnicas no tempo-espço do século passado nos interessam menos pela visão clara do projeto *Livro*, de Melot, distante e diferente, mas ao mesmo tempo

tão íntimo e assemelhado ao projeto *Livro* de Mallarmé (2010), do Oitocentos. Nosso intuito está nos modos de vivência (aqui, substancialmente um conceito de vivência da filosofia da linguagem ordinária do segundo Wittgenstein (1979)) das coisas chamadas “livro” e seus congêneres (nos termos frágeis de Otlet (1934), “substitutos”, cartas, documentos avulsos, *smartphones*, microfimes, discos fílmicos, *pen drives*), vivência esta tecida entre interindivíduos e suas gestualidades bibliográficas, como leitura e diálogo sobre “fatos gráficos”, como (ainda) um texto publicado em um diário em 1921 ou uma postagem em um blog de 2009.

A reflexão aqui desenvolvida tem duas fontes contextuais centrais, sendo a primeira o projeto de pesquisa, “Trilhar o Trivium: a filosofia da Ciência da Informação na tradição filosófica da linguagem”, executado com apoio do CNPq e da FAPERJ, complementado por outro projeto paralelo, a saber, “Epistemologia histórica do pensamento biblioteconômico-informacional”. Do outro lado, temos a experiência do grupo de pesquisa “Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes”, desenvolvimento a partir do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e da Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

A atuação do Ecce Liber lançou mão, a partir de 2011, da discussão sobre o reconhecimento do que tratamos como “itinerários volobibliográficos do espaço-tempo urbano”, buscando indícios narrativos (sob e sobre os registros informacionais) e imagéticos da experiência intersubjetiva de vivência dos artefatos simbólicos que estão enraizados, fundam e são transformados pela dinâmica das relações sociais instrumentalizadas por dispositivos info-comunicacionais. Tais processos metodológicos levaram as discussões do grupo à aproximação

Diante do exposto, o presente estudo constitui uma discussão teórica sobre a possibilidade conceitual e aplicada da noção de etnobiografia, tendo como aporte teórico central a abordagem discursivo-textual de Michel Melot e discursivo-imagética de Nicola Taffin. Trata-se, pois, de uma discussão a partir de três dimensões sobrepostas, a saber: discussão teórica; abordagens metodológicas; experimentações urbanas. Os argumentos para a construção deste trabalho estão imbricados nos seguintes pressupostos: a) bibliografia enquanto bibliografia (epistemologia histórica); b) a condição conceitual do campo hoje tratado como informacional (geoconceitualidade); c) as linhagens metodológicas *etno* como outro processo histórico dos estudos informacionais (etnobiografia). Cabe-nos, por fim, aqui, pensar a etnobiografia como uma provocação epistêmico-metodológica aos estudos informacionais.

2 ETNOBIBLIOGRAFIA

Entre Richard de Bury e Conrad Gesner, ou seja, entre um mundo absolutamente transformado pelo “bibliográfico” antes da prensa e um mundo transformado pelo “bibliográfico” após a prensa, assistimos à consolidação pagã de uma vasta cultura, que pode ser tratada como “bibliográfica”. Provavelmente, a mais fiel demonstração deste processo talvez esteja na revisão do chamado “livro simbólico” em Curtius (2013). Ali, percebe-se a maturação de um modo de constituição do real orientado para o simbolismo dos artefatos e dos gestos bibliográficos.

Segundo Araújo (2015), a partir do pensamento e da obra gesneriana, podemos perceber a construção de uma “cultura bibliográfica”, que reúne a série de focos bibliográficos, estes perpassam a materialidade, a tecnologia, a economia, o colecionismo, as profissões do livro. Quando chegamos ao Ocidente Moderno revisto pelos historiadores da cultura, uma história do conhecimento se torna (curiosamente para os termos filosóficos) uma história da coleta antropológica dos artefatos linguísticos do conhecimento, basicamente, registros gráficos e imagéticos em livros, cartas, documentos de toda a natureza. A “história social do conhecimento”, por exemplo, de Peter Burke (2003) nada mais é do que uma outra história (cultural) do livro, revestida do conceito caro à filosofia. Antevista e aceita tal cultura em construção, percebemos a possibilidade de tessitura de uma etnografia do mundo bibliográfico, a descrição cultural da cultura que ali se impõe, ou, apenas, uma etnobiliografia.

2.1 A BIBLIOGRAFIA ENQUANTO BIBLIOGRAFIA: UMA HISTÓRIA “ANTISSOCIAL” DO CONCEITO

O exercício de retorno ao conceito de bibliografia não é e não pode ser a mera visita ao marco sócio histórico de aparecimento do termo e de sua manipulação teórica local e contextual. Uma epistemologia histórica há que demonstrar, com os riscos da atemporalidade filosófica, que tal conceito está carregado de uma potência e de uma atualidade que devem permanentemente ser lembradas e, fundamentalmente, discutidas. Retirar, em regime temporário, o caráter social do conceito, é simplesmente devolvê-lo ao socializante: a bibliografia se estabelece como uma ciência desde o século XVIII, como aponta Peter Burke (2003), e sua pele em caracteres e silêncios brancos, ou seja, seu significante, é, a partir daí, encoberto por uma névoa de conceituações e hierarquizações que escondem o termo, maculam a noção e implodem o conceito, sem nunca deixar de revelar sua onipresença.

O processo de “velamento” da Bibliografia pode ser visto, pela primeira vez, pontualmente, em Gabriel Peignot (1802a,b), que submete o termo ao conceito geral de Bibliologia, lançando, deste modo, uma visão hierárquica que determina que a última se apresenta como “a ciência” e ela, a Bibliografia, responde por uma teoria geral do pensamento bibliológico.

O movimento epistemológico peignotiano é precisamente o mesmo realizado por Paul Otlet (1934), mais de cem anos depois. O projeto de Otlet e Henri La Fontaine nasce, cresce e se estabelece sob a noção de bibliografia, mas perece sob o termo documentação. Em outras palavras, o Instituto Internacional de Paul Otlet “é de Bibliografia” e assim sistematiza um dos mais ousados projetos mundiais de organização de continentes e de conteúdo. Além do Instituto, seu principal projeto, é também “de bibliografia”: o Repertório Bibliográfico Universal responde por uma missão mundial focada na bibliografia estatística, que poderia servir como base para uma bibliografia textual.

A geração posterior que se constituirá sob o conceito de bibliografia no pensamento francês, a geração de Robert Estivals, também partirá do mesmo pressuposto: a Bibliologia é tomada como ciência, enquanto os termos orientados para as aplicações do pensamento bibliológico receberão a noção de bibliografia e seus desdobramentos predicativos, como classificação bibliográfica e lista bibliográfica.

Tais ocorrências “canônicas” do uso de termo bibliografia repercutem nas mais variadas direções. Importando-nos aqui a construção epistemológica da noção para compreender as potências presentes no conceito, recorreremos àquele que se apresenta com o um dos sintomas de manifestação mais fundamentais: quando Jesse Shera e Margaret Egan, em 1952, propõem uma construção social do campo biblioteconômico nos Estados Unidos, é sob o conceito de bibliografia que estabelecem sua argumentação.

Deste modo, não é sob a rubrica da *Library Science*, macro-denominação, que se consolida uma visão de mundo da revolucionária “epistemologia social”, mas sob a *Bibliography*. Em *Foundations of a theory of bibliography* apresenta-se uma crítica cognitivo-social ao pensamento biblioteconômico, mas ao mesmo tempo, simbólico-material, que antecipa uma série de discussões futuras, principalmente dos anos 1990, sob o caráter social dos estudos informacionais. Nas palavras de Oddone (2007, p. 110), temos aqui

[...] a noção de “epistemologia social”, uma disciplina científica proposta em diversas ocasiões, a partir do início da década de 1950, por dois bibliotecários e pesquisadores americanos: Margaret Egan e Jesse Shera. [...] a nova disciplina, provisoriamente designada “epistemologia social”, teve seu programa de ação descrito e defendido pela primeira vez em um artigo de abril de 1952 intitulado *Foundations of a theory of bibliography*.

Sob a potência do termo “bibliografia”, agora na década de 1950, observamos a vastidão de um campo que vai da cognição aos artefatos materiais, do social ao cultural, do tecnológico ao político. O reflexo do pensamento sheriano e sua amplitude encontram-se abordagem metafórica da biblioteca em Regina Marteleto (1996). A fundamentação da noção de biblioteca a partir da ideia de “lugares de signos” e de “contextos de informação”.

A proposta de Marteleto (1996, p. 21) é abordar o termo biblioteca como “metáfora, figura de linguagem, encerrando nela o sentido e a fisionomia própria dos conhecimentos modernos, da cultura informacional do Ocidente”. Deste modo, em seu ponto de vista, podemos tratar da noção de biblioteca como

[...] um demarcado, tão amplo e completo na sua dimensão de abarcar todo o conhecimento, de forma tão extensa e exaustiva, que não haveria outro lugar de interlocução, a não ser o seu próprio espaço sógnico e material, seus estoques e significados: textos sem contexto, a biblioteca total formulada por Borges, que não remeteria a outro lugar, senão a ela própria. (MARTELETO, 1996, p. 21)

A construção da noção de biblioteca encontra no contato com o termo “informação” o diálogo de completude para uma figuração ocidental.

Para preencher e dar mobilidade a esse espaço, a biblioteca, o Ocidente formulou uma palavra e um sentido: a informação, elemento que representa aquilo que está disperso nos textos e que, por um processo de gestão e representação, religa os textos em seu simbolismo e materialidade, numa linguagem que os abarca na sua horizontalidade, na sua superfície representacional. (MARTELETO, 1996, p. 21).

Dialogando com Bruno Latour, Marteleto (1996) identifica a possibilidade de uma visão de fundo antropológico para os estudos sociais do conhecimento.

Essas reflexões [de Bruno Latour e a biblioteca como repositório de signos], que tomam a biblioteca ou os ‘lugares fechados’ como uma metáfora para o entendimento da dinâmica moderna de produção da cultura, situam a informação não apenas como um registro ou uma memória, mas ainda enquanto elemento ativo que se elabora nas relações amplas e complexas que se estabelecem entre sujeitos, objetos, instituições, significados. (MARTELETO, 1996, p. 21)

A apropriação e a conjugação dos termos “biblioteca” e “informação”, “emancipados” ora como metáforas, ora como conceitos do pensamento informacional, levam Marteleto (1996) a perceber uma dupla ruptura no plano epistemológico: de um lado o “além-lugar”, de outro, o “além-lugar-criador”.

No plano da reconstrução do conhecimento sobre informação, a dupla ruptura epistemológica implicaria, em primeiro lugar, o entendimento da questão informacional para além das fronteiras dos ‘lugares de signos’, estendendo-se a sua leitura para os espaços sociais de concretização da produção e comunicação dos sentidos. Em segundo lugar, no reconhecimento de formas diferenciadas de geração e apropriação dos conhecimentos, em sua inscrição informacional. (MARTELETO, 1996, p. 22)

Em nossa compreensão, esse “além-lugar”, o “fora” dos “centros de cálculo”, podem ser tratados como “zonas de prosa”, ou espaço-tempo não privilegiado pelo discurso científico clássico como portador do epistêmico em sua natureza discursiva: salas de aula, laboratórios, bibliotecas, museus, arquivos, tais “centros de cálculo” ganharam no Ocidente tal “privilégio” de lugar epistêmico. Do outro lado, o conjunto inabarcável de outras espacialidades e temporalidades se apresentam como zonas de fluxo do discurso, prosaicos, ordinários. Trata-se de um espaço-tempo que demanda metodologias não tradicionais da tradição epistemológica, principalmente, que escapa das precisões dos modelos positivistas. Uma “antropologia da informação” se constitui nesse movimento teórico.

Podemos agora retomar a proposta de uma leitura antropológica da informação [...] A **leitura antropológica da informação** apresenta algumas consequências metodológicas, que venho catalogando na minha prática de pesquisa, as quais, como encerramento dessa intervenção, passo a enumerar, como pontos para debate: **a) emprego de métodos próprios das Ciências Sociais**, construídos a partir de uma demarcação disciplinar e correntes teóricas nas quais os caminhos metodológicos encontram-se inscritos. Como emprega-los em outros campos de estudos, sem perder de vista sua inserção disciplinas e histórica?; **b) a associação essencial do fenômeno informacional à sua inscrição textual e ao tratamento gerencial** que necessariamente esses conjuntos materiais-discursivos precisam receber; **c) as implicações teóricas e metodológicas de uma leitura das práticas discursivas** como práticas informacionais/comunicacionais nas quais os interlocutores encontram-se diferentemente posicionados, de acordo com o seu lugar social e seus diferentes níveis de competência linguística e cognitiva; **d) a necessidade de ampliação do entendimento da linguagem**, para além do aspecto representacional dos conjuntos textuais, ampliando-se o seu estudo para os atos e condições discursivas, incorporando contribuições de outras tradições disciplinas. (MARTELETO, 1996, p. 22-23, grifo nosso)

A construção dos argumentos de Oddone (2007) e de Marteleto (1996), tendo como aporte no contexto informacional o pensamento a epistemologia social shera-egianiana nos permite o direcionamento da perspectiva bibliográfica e a possibilidade de compreensão de uma etnobiografia como aporte para compreensão da realidade tecida a partir de um real que se dá dentro do, no entorno do e para o encontro com o bibliográfico. Este

direcionamento nos leva à possibilidade de identificação desta etnobiografia na relação entre o que chamamos de hipóteses mallarmaico-blanchotiana e de melot-taffininana.

2.2 DA PAIXÃO BIBLIOFÍLICA À RACIONALIDADE BIBLIOGRÁFICA: DECURSO A-LINEAR DE INVENÇÃO DE UMA *EPISTÊME* E DE UM *MODUS*

Um mergulho no pensamento mallarmaico nos conduz, em nossa visão, à assertiva filosófico-arqueológica: no princípio, estava a bibliofilia. E a bibliofilia era menos que um culto à forma, menos que um culto ao conteúdo. Ela era, ali, e sempre, um ritual ao simbólico que há entre a invenção da condição reflexiva das ações humanas – a passagem da linguagem enquanto grau zero da anti-arte para a positividade do pensamento reflexivo permitida pela escrita, ou seja, pela palavra que, diante dos olhos, foragida das figurações abstratas do mentalismo e amotinada na materialidade além-oralidade dos suportes minerais, animais ou vegetais (hoje eletrônicos), permite estabelecer o bem comum das figurações humanas, permite o compartilhamento de algo que se poderá tratar (e escrever) como “razão”, “logos”, “verdade”. Encontramos nas hipóteses mallarmaico-blanchotiana e melot-taffinianas os argumentos para a compreensão não apenas histórica, mas hodierna de tais elementos, o que nos convoca à definição e ao estudo de uma cultura bibliográfica.

2.3 A HIPÓTESE MALLARMAICO-BLANCHOTIANA

[...] não manteria o leitor em alerta, a duração do livro, com apelo a seu poder de entusiasmo. [...] (MALLARMÉ, 2010, p. 184)

O poeta e teórico da literatura francês Mallarmé é conhecido por sua transformação da literatura e pelas propostas radicais para a escritura e seu método. A interpretação de Maurice Blanchot do pensamento mallarmaico recupera algumas noções centrais para a discussão do desdobramento do mundo informacional no século XX, ainda que seu intuito esteja na crítica literária, ou seja, no território da estética e seu discurso. “O Livro: o que significa essa palavra para Mallarmé?”, pergunta-se Blanchot (2007, p. 327).

A partir de 1866, ele sempre pensou e disse a mesma coisa. Entretanto, o mesmo não é sempre o mesmo. Uma das tarefas seria a de mostrar por que e como essa repetição constitui o movimento que lhe abre, lentamente, um caminho. Tudo o que ele tem a dizer parece fixado desde o começo e, ao mesmo tempo, os traços comuns só o são grosseiramente. (BLANCHOT, 2005, p. 327)

A construção mallarmaica aborda o “Livro” para além do “livro” e para quem do “livro”: a múltipla potencialidade do conceito se apresenta para um processo de destruição e

de reinauguração da coisa; e a coisa se reapresenta como potência de reinauguração e de destruição do conceito - “Traços comuns: o livro, que desde o começo já é o Livro, o essencial da literatura, é também um livro, ‘simplesmente’.” (BLANCHOT, 2005, p. 327-328).

O projeto do – ou a condição de se projetar o – “livro” já está condicionado à certa “pluralidade” da significação e da resignificação do “livro.

Outro traço invariável: desse livro, ele vê primeiro a disposição necessária, **livro ‘arquitetural e premeditado, e não uma compilação de inspirações do acaso, mesmo que maravilhosas’**. [...] parece havê-lo destinado a não escrever mais do que poemas nulos, isto é, a dar força e existência poética **somente àquilo que existe fora de tudo (e fora do livro que é esse tudo), mas, assim fazendo, a descobrir o próprio centro do Livro**. (BLANCHOT, 2005, p. 328-329, grifo nosso)

Entre a possibilidade de uma poética radicalmente aberta e a concepção do “livro”, existe, ao mesmo tempo, a precisão do “livro”: força e contra-força do que é inaugural.

O que significam as palavras ‘premeditado, arquitetural, delimitado, hierarquizado’? Todas indicam uma intenção calculadora, a disposição de um poder de extrema reflexão, capaz de organizar necessariamente o conjunto da obra. [...] Em princípio, é sempre a mesma vontade de uma forma regrada e reguladora. (BLANCHOT, 2005, p. 329, grifo nosso)

Mallarmé (2007, p. 180) estabelece a possibilidade de mutação completa do livro e, ao mesmo tempo, o reconhecimento de sua condição estanque sumária: de um lado, “desdobrado em meio ao maciço, o deixarei [o livro], também as palavras flores em seu mutismo e, tecnicamente, proponho, notas como esse farrapo difere do livro, ele supremo.”; de outro, “intervenção da dobradura ou o ritmo, inicial causa que uma folha fechada, contenha um segredo, o silêncio aí permanece, precioso e signos evocatórios sucedem, para o espírito, a tudo literariamente abolido.” (p. 181). Em outros termos, a visão mallarmaica apresenta o livro como “expansão total da letra”, que deve dela retirar, “diretamente, uma mobilidade e espaçoso, por correspondências, instituir um jogo, não se sabe, que confirme a ficção”. (p. 182). Em princípio, a “hipótese mallarmaica-blanchotiana” e a tensão de sua dialética entre o “rigor positivo” e a “poética do acaso” estabelece para nossa visão o encontro entre a positivação do livro – expressão na epistemologia informacional nascitura manifestada pela “bibliometria” -, mas, ao mesmo tempo, de sua angustiante incompletude, abertura à totalidade nunca finda, só resolvida com uma noção de pluralidade de fundo melot-taffiniana,

que conjunta o “total” no “desejo”, para retomar o jogo entre “universalismos” e “l”calismo” da cultura bibliográfica.

2.4 A HIPÓTESE MELOT-TAFFINIANA: DA GESTUALIDADE CRISTIANA COMO FONTE ETNOBIBLIOGRÁFICA PRIMÁRIA

A partir de qual momento a atmosferização do escrito pela decolagem de seus suportes materiais começa a gerir sua gravidade simbólica? (DEBRAY, 2012, p. 16)

A hipótese melot-taffiniana pode ser resumida nos dois argumentos centrais do pensamento de Melot (2012) indicados por Debray (2012): de um lado, a forte relação entre materialidade e sacralidade; de outro, uma certa “fecundidade do *close*”, traduzidos na celebração da chamada “obra aberta”, dos “escritos com portas vaivém”, dos “estilos sem fronteira”. (DEBRAY, 2012, p. 17)

Debray (2012) chama a atenção para os efeitos diversos do texto eletrônico, marcados, por exemplo, pela flexibilidade e pela quebra da finitude. Tais efeitos podem ser tratados no escopo do imenso conjunto de impactos das experiências vivenciadas entre homens e registros do conhecimento, experiências estas amplamente discutidas por Melot (2007). Um dos exemplos é a vitória do códice sobre o rolo, fator sócio técnico e histórico recuperado hoje para discutir as transformações do mundo eletrônico.

A trivialidade do objeto, imprópria para usos refinados ou solenes, ter-se-ia apresentado de forma vantajosa a uma religião que pretendia atingir um vasto público. Foi sem dúvida para conquistar um público mais popular que Marcial promoveu o códice. (MELOT, 2012, p. 28, grifo nosso)

Melot (2012) recorre ao Evangelho para discutir a construção da forma do livro a partir de João. “A ruptura que, na estrutura do códice, “funda a descontinuidade na continuidade”, não está inscrita no rolo. A visita de Jesus ao Templo, narrada por Lucas, pode ser interpretada como um gesto fundador: “Apresentou-se lhe o livro do profeta Isaiás e, ao desenrolar o livro, ele encontrou a passagem onde estava escrito: [...] Ele desdobrou o livro, entregou-o ao servo e se sentou. Todos na sinagoga mantinham os olhos fixos sobre ele. Então, ele se pôs a dizer ao público: - Hoje se conclui aos vossos ouvidos esta passagem da Escritura”. Este gesto de “desdobrar o livro” (quer dizer, na época, o *volumen*), constitui a verdadeira “boa nova”: o profeta veio anunciar que era chegado o reino de Deus. Haverá mais escrituras após esta escritura.” (MELOT, 2012, p. 29)

O gesto e o uso, o modo e a dinâmica, permitem, antes da História, um certo modo cultura de apropriação e de (com)vivência com os artefatos, como é o caso da adoração, no limite entre o culto do livro e o livro de culto.

A adoração consagra a beleza intrínseca das palavras do Corão, ainda que Maomé não tenha sido poeta. No Oriente, a manipulação de lâminas vegetais chamadas *ôles* [folhas de um tipo de palmeira que, previamente separadas, são usadas pelos indianos para escrever seus livros] amplifica **a solenidade do gesto e o caráter ritual da leitura**. (MELOT, 2012, p. 37, grifo nosso)

Na visão melotiana, foi a partir do “livro” que o culto pode ser “expatriado”, “exportado”, emancipando a fé. (MELOT, 2012, p. 37)

O **uso da escrita liberta o culto** de seu meio ambiente. A prática se torna abstrata, individual, independente das condições de tempo e de lugar. O livro substitui o lugar, ou mais exatamente o *site*, e seria mesmo interessante analisar até que ponto esta noção eletrônica de *site* restaura a prática anterior, onde a validação do conteúdo depende daquela em que se reconhece o próprio *site*. (MELOT, 2012, p. 39, grifo nosso).

O livro na “hermenêutica da razão bibliográfica” melotiana antecipa, nesta medida, a condição do território:

Trata-se, enfim, da **substituição do livro pelo território**. Lembremos que R. Debray seguiu precisamente o itinerário do Deus dos hebreus nômades para quem as Tábuas da Lei eram uma espécie de ‘templo-portátil’ na Arca da Aliança. *Grosso modo*, o monoteísmo é filho do deserto e da Escritura, para resumir de maneira breve as ideias que o autor formula em ‘Introdução ao Estudo das Mídias’, as quais foram desenvolvidas em *Deus, um itinerário*: este ‘Deus gráfico desmaterializado no caractere alfabético’, esta ‘mobilização móvel e mobilizadora suscetível de ocupar a terra pela perda de volume’, esta ‘Teoteca’, diz, enfim. (MELOT, 2012, p. 39, grifo nosso)

O ponto de vista de Melot sobre o livro tem, dentre tantas margens de compreensão, uma preocupação central com os modos de vivência dos artefatos entre culturas distintas, seus exercícios de tocar, de ver, de cheirar, suas maneiras de imaginar, de usar, de simbolizar, de compartilhar, de fazer reunir pessoas e comunidades, de ver o mundo a partir dos gestos bibliográficos que envolvem cenas e cenários muito mais amplos e dinâmicos que os próprios livros e as próprias bibliotecas. Trata-se de compreender na cultura, a cultura do livro, e, no livro, o livro como cultura.

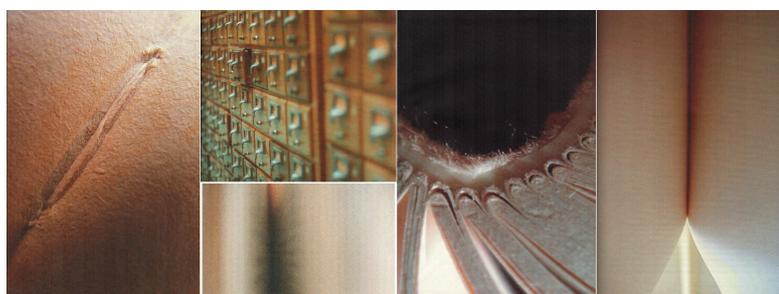
No entanto, o projeto “*Livro*,” de Melot (2012) não é apenas, em sua condição de “livro”, uma construção textual, conteúdo clássico dos livros; não é também apenas a demonstração da subjetividade sob qualquer possível objetividade do “*Livro*” mallarmaico.

Faz parte dele outra forma estrutural, não tão estatisticamente imponente quanto a escrita. Trata-se do jogo de fotografias de Nicola Taffin, que completa à hipótese cultural “melot-taffiniana”.

As fotografias taffinianas acompanham o projeto “*Livro*,” de Melot ao longo da arquitetura do discurso que se estabelece no texto: da folha de guarda que “preserva” a falsa folha de rosto, ao desdobrar-se da cadeia de reflexões, aparentemente lineares, as imagens ajudam a contar a cultura que se revela na passagem do gráfico para o bibliográfico, figurando-se entre “E o verbo se fez livro...”, “Assim pensa a dobra”, “O adeus ao verbo”, “A quadratura”, “Profetas e mercadores”, “No país da página”, “O amor e o ódio”; “Os livros que não se leem”; “A carne e o fim”.

Nicolas Taffin é apresentado como um “apaixonado pelos suportes da informação”, “dividido entre a letra e a imagem”. Atuando com desenho gráfico, o artista dedicou-se à comunicação cultura e científica em formatos multimídia, desenvolvendo novas concepções de interfaces no contexto de publicações *on line*. (MELOT, 2007)

Figura 1- Amostra de fotografias de Nicolas Taffin



Fonte: Melot, Michel (2012)

No decurso da narrativa imagética de Taffin dentro do “*Livro*,” as coleções de Jacques Doucet, da Biblioteca do Instituto Nacional de História da Arte, se tornam ao mesmo tempo o espólio de uma guerra e a memória em carne de uma sociedade; a obra *La maison des feuilles* se consagram como a divisão de duas civilizações ou a paisagem inóspita de dois mundo ainda por vir; a dobra em seu movimento de dobradura registada no título *Le Songe de Poliphile* resulta no maquinário bibliográfico em movimento, transformado e transformador da realidade que o concebe e a inventa.

As imagens de Taffin procuram revelar o desejo que há na bibliofilia em sua carne mais múltipla possível: mineral, animal, vegetal, eletrônica, a paixão pelo conhecimento registrado parece não ter fundo, não ter volume, não ter espessura, não ter textura exata que lhe configure a supremacia. Tal paixão se apresenta multifacetada quando tratamos da

paisagem em rede do mundo eletrônico e do culto intensivo e extensivo das tecnologias da linguagem em curso, seja um culto ao continente, seja um culto ao conteúdo.

O modo como os olhos hodiernos miram as vitrines com *smartphones* sentados em “tronos” devidamente desenhados e construídos para recebe-los, em lojas de *shopping centers* ou dos grandes centros urbanos sugerem um fascínio tão grande pelo continente quanto o gesto polissensível de exploração das listas intermináveis de dados apresentados nos mesmos *smartphones* que são lidos simultaneamente, em uma cinética impressionante, pelos polegares e pelos olhos.

2.4 A IMAGINAÇÃO ETNOBIBLIOGRÁFICA: NOTAS TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

O etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam cada aspecto da cultura tribal sem privilegiar aqueles que lhe causam admiração ou estranheza em detrimento dos fatos comuns e rotineiros. Deve, ao mesmo tempo, perscrutar a cultura nativa *na totalidade de seus aspectos*. (MALINOWSKI, 1978, p. 24)

O que chamamos de diálogo entre as “hipóteses” mallarmaico-blachotianas e melot-taffinianas é resultado de um modo de apreensão da realidade sócio cultural específico, o qual tratamos como etnobiografia. O confronto das “hipóteses” estabelece a reflexão sobre o profundo enraizamento na cultura bibliográfica não só do Ocidente moderno, como em sua travessia na Antiguidade e no Medievo, e bem como seu poder nas civilizações orientais.

Mallarmé (2010) e a interpretação mallarmaica tecida por Blanchot (2005) demonstram a condição da potência (não inovadora) do livro como signo de uma civilização muito mais ampla que a própria “ideia compacta” de uma civilização, ao mesmo tempo em que demonstra como o signo de um espaço-tempo, em nossa invenção da ideia de homem se estabelece na condição da passagem da escrita para o livro, ou do grafismo para o bibliografismo – em alguns casos, praticamente a passagem de uma não-positividade simbólica para uma positividade simbólica em sua completa estrutura.

Estas últimas observações são a força hermenêutica do ponto de vista de Melot (2007), complementadas pela manifestação pontual das fotografias de Nicolas Taffin. Com a galeria de imagens taffinianas, compreende-se a força simbólica do objeto enquanto objeto, do objeto enquanto imagem do objeto, da imagem do objeto enquanto imagem e, por fim, da imagem enquanto retorno, sugestão, signo do objeto.

Dadas as condições especulativo-teóricas de nossa abordagem, procuramos lançar brevemente a discussão sobre o *etno* de nossa bibliografia. Como indica Mauss (2007) em seu

Manuel d'ethnographie, a etnografia enfrenta dificuldades como a subjetividade e a materialidade. A primeira, responde pelo risco de uma observação superficial; a segunda, pelos limites de reconhecimento dos objetos, seu colecionamento e sua catalogação, na busca pela identificação dos materiais como fatos sociais. É neste sentido que Mauss (2007) aponta um dos princípios prioritários dos aspectos da observação está no método filológico, que consiste em recolher narrativas, constituindo uma coleção de variantes e desenvolvida sua classificação e sua categorização. Ou seja, “dentro” da própria experiência de trabalho do etnógrafo, se insere uma espécie de auto-etno-bibliografia.

A classificação de Mauss (2007, p. 29) para planejamento do estudo de uma sociedade se desenvolve a partir de a) morfologia social (que inclui demografia, geografia humana e tecnomorfologia); fisiologia social (que abarca técnicas, estéticas, economia, direito, religião, ciência); fenômenos gerais (como língua, fenômenos nacionais, internacionais). Acerca dos instrumentos de coleta dentro dos métodos de observação, Mauss (2007) indica que o primeiro consiste em um caderno de notas, onde é registrado cada dado observado. A partir das anotações, o pesquisador virá compor um inventário dos objetos recolhidos, sendo para cada objeto observado, uma ficha descritiva, “*détaillée, établie en double*”. (MAUSS, 2007, p. 31).

Ainda na descrição dos modos de observação, Mauss (2007) aponta para a distinção dos métodos de registro e de observação material de uma parte e os métodos de observação e de registro morais de outra parte. Entre os métodos de observação material, encontram-se o método morfológico ou cartográfico (que procura posicionar sócio geograficamente a população investigada); o método fotográfico (que responde pelo registro de todos os objetos); método fonográfico (que responde pelo registro fílmico); método filológico (que procura conhecer a língua indígena); método sociológico (que considera centralmente a história de uma dada sociedade). O conjunto de tais modos de apreensão das realidades locais-culturais, insistimos, atravessa, antes, um modo tipicamente bibliográfico de pensar-fazer conhecimento.

Na visão de Malinowski (1978, p. 33), suas clássicas considerações ao método etnográfico apontam para um horizonte determinado a partir de três percursos distintos, que complementam esta pré-etnobiografia já inserida na experiência tradicional do antropólogo de campo:

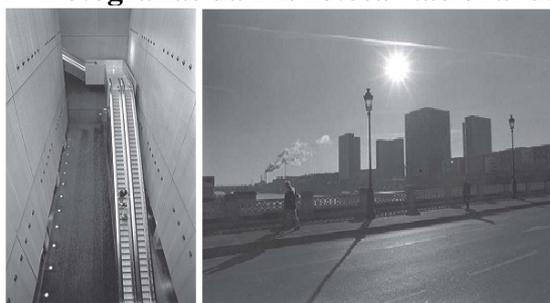
1. **A organização da tribo e a anatomia de sua cultura** devem ser delineadas de modo claro e preciso. O **método de documentação concreta e estatística** fornece os meios com que podemos obtê-las; 2. **Este quadro**

precisa ser completado pelos fatos imponderáveis da vida real, bem como pelos tipos de comportamento, coletados através de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa e que devem ser registradas nalgum tipo de diário etnográfico; 3. **O corpus inscriptionum – uma coleção de asserções, narrativas típicas, palavras características, elementos folclóricos e fórmulas mágicas** – deve ser apresentado como documento da mentalidade nativa. Essas três abordagens conduzem ao objetivo final da pesquisa, que o etnógrafo jamais deve perder de vista.

A experiência do *corpus* de inscrições remete-nos a um dos (provavelmente o primeiro) pressupostos etnobiográficos – seria uma meta-etnobiografia ou epistemo-etnobiografia – estudo da cultura bibliográfica do cientista e do antropólogo ou da cultura de registros dos homens ditos cientistas, fundamentalmente, *homo bibliographicus*. No entanto, o conjunto de experiências que apontam para uma “cultura do livro” em sua expressão ampla (para além da cultura letrada, para além da cultura institucional, para além da cultura literária e literata...) não pode ser resumido em uma só manifestação. Um caso arquetípico do que tratamos, pois, como etnobiografia pode ser encontrado em Achutti (1997), em seus trabalhos fotoetnográficos.

Achutti (1997) dedicou-se, em sua dissertação de mestrado em Antropologia Social, a registrar o cotidiano de um dos espaços mais emblemáticos da cultura bibliográfica mundial, a Biblioteca Nacional da França - François Mitterrand.

Figura 2 - Fotografias da Biblioteca Nacional da França



Fonte: Achutti (1997)

A abordagem de Achutti (1997) está metodologicamente ancorada na antropologia visual. Conforme Biazus (2006), encontramos aqui um “diálogo com o campo de conhecimento da antropologia visual [...] Estabelecendo semelhanças e diferenças na utilização das imagens para a construção do saber antropológico”. Ressalta-se aqui o “potencial narrativo das imagens fotográficas utilizadas sob a forma de ‘narrações visuais’,

uma ‘construção do sentido graças à imagem; isso para tornar-se um meio de restituição, uma outra forma de narrar nosso olhar sobre o Outro.’ (BIAZUS, 2006, p. 304)

Assim, Achutti constrói o que Biazus (2006) trata como “percurso etnográfico” a partir de um elemento central da “cultura bibliográfica”: as bibliotecas.

Narração fotoetnográfica: um olhar sobre a Biblioteca Nacional da França – François Mitterrand: lado Sena – lado dos bastidores: Luiz E. Achutti trabalhou, no lado dos bastidores, o cotidiano de trabalho dos funcionários da Biblioteca François Mitterrand através de um percurso etnográfico que nos leva a descobrir esse espaço juntamente com o olhar do fotógrafo. [...] Ao final do livro, são apresentados os **comentários que os próprios funcionários escreveram no livro da exposição fotográfica realizada, também, nos bastidores da biblioteca.** (BIAZUS, 2006, p. 305-306)

As experimentações achuttianas, sem ter como intuito a etnobibliografia, lançam o olhar sobre um dos incontáveis aspectos da “cultura bibliográfica”, as instituições como bibliotecas, seus habitantes, seus gestos, suas movimentações. À busca das potencialidades variadas de registros etnobiográficos, destacamos a seguir algumas experiências tecidas a partir de tais reflexões teórico-metodológicas.

2.5 INCURSÕES ETNOBIBLIOGRÁFICAS ECCELIBERIANAS: EXPERIMENTOS NA E PARA A CULTURA BIBIOGRÁFICA

A partir das abordagens teóricas e das possibilidades abertas pela reflexão da epistemologia histórica dos estudos informacionais, o grupo de pesquisa Ecce Liber realizou incursões em estratos da cultura bibliográfica para a compreensão do “cultural” que ali vivencia e edifica o espaço-tempo. As intervenções “extensivas” ocorreram em espaços pré-determinados, como feiras de livros e livrarias, bem como em interdeterminações geográfico-temporais, como ruas, avenidas e praças, shopping centers e transporte público, ou seja, o espaço imaginado disponível para a reflexão sobre o mundo bibliográfico.

A breve narrativa visual recuperada para esta comunicação procura brevemente ilustrar as experiências e as experimentações do grupo no espaço-tempo urbano onde se vivencia a cultura bibliográfica. Cerca de 3.000 (três mil) registros fotográficos foram realizados no período entre junho 2013 e junho 2015, com foco na procura pelos “gestos bibliográficos”, incrustrados em fenômenos, permanências, movimentos, objetos, como leitura, livro, instituições do livro, profissionais do livro, tecnologias da linguagem das mais variadas composições.

A experiência e as experimentações do grupo levaram seus integrantes ao centro do Rio de Janeiro com gravadores de voz e câmeras fotográficas, no primeiro semestre de 2015, para recolher indícios da cultura bibliográfica, que se manifesta através de um conjunto vasto de gestos, de objetos, de símbolos, de ideias, de práticas, como livros, leitores, leituras, instituições do livro, profissionais do livro, escrita, diálogos, tecnologias da linguagem.

Tendo por base a antropologia visual, os registros fotográficos abaixo apresentados ilustram parte do conjunto de dados coletados no ato de e para a análise do universo cultural bibliográfico.

- **A céu aberto:** feiras de livros e sua intimidade pública

Figura 4 - Cultura bibliográfica no espaço urbano carioca (Primavera dos livros – 2013)



Fonte: Biblioteca Ecce Liber

- **Quem matou Da Vinci:** os princípios do fim

Figura 5 - Cultura bibliográfica no espaço urbano carioca (Livraria Leonardo Da Vinci - 2015)



Fonte: Biblioteca Ecce Liber

- **Retrato do leitor quando embarcado:** história da invenção das epopeias bibliográficas pessoais

Figura 7 - Cultura bibliográfica no espaço urbano carioca (Feira dominical da Glória, 2015)



Fonte: Biblioteca Ecce Liber

As três imagens, respectivamente coletadas na Primavera dos Livros, em 2012, na Livraria Leonardo Da Vinci, em 2015, e na Feira dominical da Glória, também em 2015, resumem parte ínfima da tentativa em curso de descrição imagética e compreensão da cultura bibliográfica que hoje é vivenciada em “centros de cálculo” e “zonas de prosa”, através dos mais diferentes gestos, artefatos, processos, rituais.

4 O QUE É ETNOBIBLIOGRAFIA?: ÚLTIMAS REFLEXÕES

Onde não existem livros mais ou menos desbotados, descansando sobre a mesa.
Debray (2012, p. 18).

O que é etnobilografia? Procuramos, de um modo, reunir a abordagem em uma definição sintética; de outro, caracterizar as potencialidades da abordagem e de seu método. Como destaca Calil Júnior (2008), reconhecendo algumas das categorias centrais da experiência do trabalho etnográfico, elementos conceituais como cultura, escrita etnográfica, alteridade se encontram na centralidade das abordagens antropológicas. Em certa medida, estes elementos sintetizam o que procuramos destacar como etnobilografia a partir do reconhecimento de uma certa “cultura” constituída na dinâmica dos gestos e dos artefatos bibliográficos. A abordagem teórica privilegia a) uma epistemologia histórica, donde a recuperação do termo, da noção e do conceito “bibliografia”; b) a ênfase a aliança de uma filosofia da linguagem em diálogo com uma filosofia da cultura; c) o “condicionamento” das culturas locais tanto em sua distinção quanto em sua integralidade.

Quanto às caracterizações, podemos identificar que a abordagem etnobiográfica procura reconhecer a vivência da cultura dos e providenciada pelos artefatos bibliográficos e seus intersujeitos, reunindo “paisagens a observar” como livros, leitores, leitura, instituições bibliográficas, profissionais bibliográficos e toda a sorte de manifestações macro ou microestruturais relacionadas com ou que provocam a laços na seara bibliográfica, como religião, política, literatura, tecnologia, economia.

Em certa medida, reconhecendo a vigência de uma epistemologia histórica, trata-se de um “ramo” específico (e, ao mesmo tempo, marginalmente radical ou radicalmente marginal) da “bibliossociometria” identificada por Otlet (1934, p. 16), domínio científico que dedicaria-se a compreender (ali, na visão otletiana, compreender no sentido de medir) a ação do livro e do documento sobre o homem e a sociedade. As possíveis “paisagens etnobiográficas”, ou espaço-tempo de observação do enfoque etnobiográfico, são múltiplas e podem ser representadas pela vasta lista de elementos que envolvem os artefatos, as instituições, os gestos, as profissões, o usos vinculados ao mundo bibliográfico. Marginal ou radicalmente, trata-se aqui de descrever e compreender o modo como homem e a sociedade se movem na cultura bibliográfica que os ressignifica.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi desenvolvido sob o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo Pesquisa do Rio de Janeiro (FAPERJ).

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo Robinson. **Fotoetnografia da biblioteca jardim**. Porto Alegre: ed. da UFRGS, 1997.

ARAÚJO, André Vieira de Freitas. Pioneirismo bibliográfico em um polímata do Séc. XVI: Conrad Gesner. **Informação & Informação**, v. 20, n. 2, maio/ago. 2015. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/23127>>. Acesso em: 15 ago. 2015.

BIAZUS, Paula de Oliveira. Recensão. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 12, n. 25, p. 301-306, jan./jun. 2006.

BLANCHOT, Maurice. **O livro por vir**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BURKE, Peter. **Uma História social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALIL JÚNIOR, Alberto. Uma etnografia do mundo espírita virtual: algumas aproximações metodológicas. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 10, n. 10, p. 117-136, outubro de 2008.

CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura europeia e Idade Média latina**. São Paulo: Edusp, 2013.

DEBRAY, Régis. Prefácio à edição francesa. In: MELOT, Michel. **Livro**. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2012. p. 15-18.

MALINOWSKI, Bronislaw K. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MALLARMÉ, Stéphane. **Divagações**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

MARTELETO, R. M. 'Lugares de Signos' e contextos de informação: A Biblioteca como metáfora dos conhecimentos modernos. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 20, n.20, p. 241-246, 1996.

MAUSS, Marcel. **Manuel d'ethnographie**. Paris: Éditions Payot, 2007.

MELOT, Michel. **Livro**,. Cotia (SP): Ateliê Editorial, 2012.

ODDONE, Nanci. Revisitando a “epistemologia social”: esboço de uma ecologia sociotécnica do trabalho intelectual. **Ci. Inf.**, Brasília, v. 36, n. 1, p.108-123, jan./abr. 2007.

OTLET, Paul. **El Tratado de documentación: el libro sobre el libro: teoría y práctica**. Tradução de María Dolores Ayuso García. Murcia: Universidad de Murcia, 1996.

WITTGENSTEIN, L. **Investigações Filosóficas**. 2ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979.